

## LITERATURA

# O dia ideal para o homem-narrador

Recluso nas últimas décadas de vida, J.D. Salinger permanecerá um mistério. Mas sua obra seguirá maravilhando

LUÍS AUGUSTO FISCHER

Para Milena Friedrich Cabral, fã número zero do JDS

Essa de morrer é o seguinte: todo mundo morre um dia, meu. E se tu não sabia é melhor começar a saber, porque dessa ninguém escapa. Ok, eu sei que o leitor gostaria de um artigo fúnebre que começasse direitinho, dizendo onde nasceu, como viveu e por que morreu o sujeito de que se trata, mas quer saber?, eu não acho isso muito importante. Entre outros motivos, porque o cara que morreu agora já tinha morrido outra vez, embora continuasse respirando. Não dá pra entender? Paciência. O certo é que ele tinha simplesmente parado de publicar, isso em 1965, dá pra imaginar? O sujeito (Jerome David Salinger, se por acaso o leitor não sabia ainda) tinha acertado a mão em quatro livros, nenhum muito grosso, e mais uns contos esparsos, e aí babau: parou de publicar. Editores de toda parte chegavam nele com propostas, oferecendo grana assim, na maior, e ele nem af: quieto, na dele, escrevendo ainda de monte, todos os dias, mas guardando tudo em algum canto da casa de eremita em que ele viveu por décadas. (Ele via muito filme antigo, tipo anos 40; ele dizia amar o cinema, e não os filmes em si.) A última entrevista que deu foi 30 anos atrás. Um terço da vida dele, o terço da maturidade e da velhice, ele simplesmente calou a boca; e mais de metade de seus 91 anos passou sem publicar uma linha.



Isso é que me deixa meio daqui: como é que pode um sujeito escrever um troço como *O Apanhador no Campo de Centeio* (todo mundo sabe, o nome quase não faz sentido em português, mas é o que o tradutor achou que cabia para *The Catcher in the Rye*), em 1951, arrebatando todos os leitores que tivessem um pingão de sangue adolescente correndo nas veias (ou transitando nas fininhas ligações neuronais, ou nas malhas incorpóreas do afeto, tanto faz) e depois, plec, estala os dedos e resolve não dizer mais nada.

Bem, ele tinha esse direito, não digo que não. Mas olha só: o cara conquista os leitores com a história comovente de um garotão de seus 15 anos, que não aceita a opressão e a indiferença da escola e resolve mergulhar na cidade como quem quer respirar debaixo d'água – não sei se essa imagem funciona, mas vou deixar assim – e que, no fim das contas, só queria mesmo era conversar com sua irmãzinha de novo, aquela guriazinha que ainda não tinha aprendido a maldade do mundo, essa que o leitor e eu já aprendemos e que nos fez ficar desse jeito, de vez em quando cínico, muitas vezes frio e calculista, quase sempre triste.

Se eu tivesse que escolher só um dos livros dele (só um entre nem tantos assim, já falei que são poucos, o leitor não precisa me lembrar disso, eu não perdi o controle dessa conta), sinceramente eu não sei se levaria comigo – lembrei agora mesmo daquela bobagem de escolher um livro, só um, para levar para uma ilha deserta, cara, que viagem, ainda mais agora, em que provavelmente o sujeito, se perguntado, diria que ia levar o celular dele, cheio de balaca e coisa e tal, internet e o escambau –, eu não sei, me permitam repetir, senhores, eu não sei se levaria *Nove Estórias* (edição atual pela Editora do Autor) ou *Carpinteiros, Levantem Bem Alto a Cumeira! & Seymour, uma Introdução* (livro que tem edição recente, em pocket, pela L&PM). Se não deu pra entender, eu explico, porque eu tenho paciência, sim, com o leitor – e a tenho porque aprendi com os livros do Salin-

ger mesmo: porque foi ele que concebeu uma das mais lindas dedicatórias deste mundo (e de qualquer outro), no pórtico do livro que tem este título composto por duas frases tão esquisitas quanto, bem, quanto essas duas aí de cima, a dos carpinteiros e a do Seymour. Quer saber como é a dedicatória?

Ficou curioso? Eu digo, tá bem.

É assim: “Se ainda existe no mundo alguém que leia só por prazer – ou até mesmo por acidente –, peço a ele ou a ela, com indizível afeto e gratidão, que divida em quatro partes iguais a dedicatória deste livro com minha mulher e meus dois filhos”.

Por mim, não pode haver melhor modo de abordar o assunto, isto é, o problema. Porque a gente (já estou eu me metendo na turma) precisa é só de uma coisa, aliás, uma pessoa: o leitor. Entende como é? Entende mesmo? Eu poderia perguntar: entende do mesmo modo como o jejuador do Kafka descobriu que precisava jejuar? Deixa pra lá.

Seymour é o irmão mais velho do principal narrador fictício da obra toda, Buddy, ambos da família Glass, que contava ainda com Boo-Boo, que depois virou dona-de-casa, os gêmeos Walt e Waker, mais Zooey e Franny, sete ao todo, filhos de Les e Bessie. Todos de alguma maneira artistas, todos criados na cabeça do Salinger para ganharem vida em toda a sua obra (exceto no *Apanhador*). Seymour, exatamente como seu inventor, esteve na Segunda Guerra, e nunca mais conseguiu olhar para o mundo com os mesmos olhos. (Se por acaso o leitor querido quiser conhecer mais de perto o velho rabugento que era o Salinger, em português tem dois livros que se encontram pelo menos em sebos: a biografia *Em Busca de Salinger*, de Ian Hamilton, e a mais-ou-menos-biografia, mas misturada com memórias pessoais da autora e algum veneno, *Abandonada no Campo de Centeio – Meu Caso de Amor com J.D. Salinger*, de Joyce Maynard, que foi companheira dele num período.

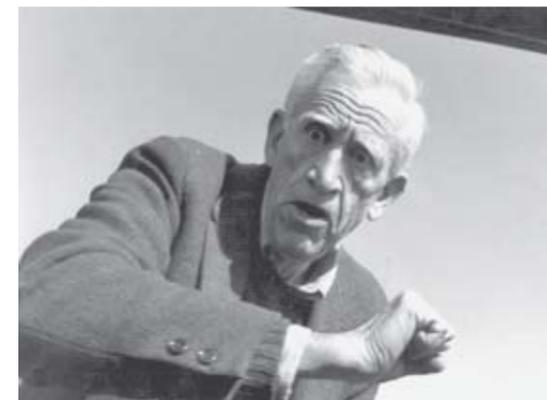
Em inglês tem muita coisa, especialmente outra biografia, de Paul Alexander, *Salinger, a Biography*, e um livro de memórias de sua filha, Margaret A. Salinger, *Dream Catcher*.) (Agora, quer ver como são as coisas? O título do livro da Joyce Maynard em inglês é *At Home in the World*, ou seja, *Em Casa no Mundo*. Não é pra gente ficar desolado ou mesmo enraivecido com o populismo do título da tradução?) (E agora, onde é que eu estou, dentro ou fora de um parêntese?) (Na dúvida, mando para o leitor, com amor e sordidez, um buquê de parênteses prematuramente desabrochados: (((())))).

Não sei mais o que dizer, agora. Não chorei pela morte dele, pra falar a verdade nem mesmo me emocionei muito. Meu afeto não é pelo cara que bateu as botas, na boa. Por mim, ele pode ter sido um santo ou um canalha, um pai excelente ou um maníaco que nunca se livrou do piripaque emocional experimentado na Europa, durante a Guerra (ele era entrevistador de nazistas presos e estava entre os primeiros soldados americanos a entrar num campo de concentração libertado – com o detalhe nada desprezível de que ele era meio-judeu).

Não chorei por ele, mas preciso dizer que chorei quando Seymour Glass se matou, depois de haver ensinado uma menininha a enxergar os famosos peixes-banana, aquele dia, na praia. Aliás, uma vez cheguei a pensar em escrever um ensaio sobre o modo de funcionamento da narrativa de Salinger, para tipo desmanchar o mecanismo da coisa e ver suas tripas. Desisti: quero manter intacto, enquanto puder, o estranho gosto de ler sua ficção, que nos trata como crianças em sua intensidade emocional, como jovens em seu espanto pelo mundo, como adultos em sua irremissível desolação – e como parceiros em nosso comum apreço pela força sublimine e arrebatadora da vida transformada em arte.

Entende?

Agora vá para a cama. Depressa. Depressa e devagar.



Salinger flagrado de surpresa em uma de suas raras fotos nos últimos 30 anos

## O mito do escritor que não escreve

MOACYR SCLiar

A morte de Jerome David Salinger (1919 – 2010) permite, de um lado, evocar um autor absolutamente original e de enorme sucesso. Poucos escritores conseguiram, como ele, descrever de modo tão autêntico e emocionante a condição do jovem em nosso tempo. O Holden Caulfield de *The Catcher in the Rye* (*O Apanhador no Campo de Centeio*) tornou-se um personagem paradigmático – e adorado por adolescentes e adultos. Publicado há quase 60 anos, o livro continua vendendo cerca de 250 mil exemplares por ano. Repercussão similar tiveram os contos de *Nine Stories* (*Nove Estórias*), de 1953; as duas novelas de *Frammy & Zooey*, 1961; *Carpinteiros, Levantem Bem Alto a Cumeira e Seymour, uma Introdução*, publicadas juntas em 1963. Em 1965 aparece, na revista *New Yorker*, uma novela intitulada *Hapworth 16, 1924*. Depois disso, Salinger não publicou mais nada. E passou a viver em reclusão, recusando-se a dar entrevistas ou a ser fotografado.

Com o que tornou-se um mito, um exemplo daquela misteriosa categoria dos escritores que não escrevem ou que não publicam. Autores conhecidos, que, à certa altura de sua vida, tiram o time de campo, às vezes por algum tempo, às vezes para sempre. Assim, Arthur Rimbaud (1854 – 1891), talento ultraprecoce, parou de escrever poesia aos 19 anos e passou a exercer outras atividades (inclusive a de traficante de escravos na África). Paul Valéry (1871 – 1945) interrompeu sua carreira aos vinte e poucos anos e só a retomou duas décadas depois. Stéphane Mallarmé (1842 – 1898) escreveu apenas sessenta poemas nos 36 anos de sua trajetória poética. Aqui no Brasil temos o exemplo de Campos de Carvalho (1916 – 1998), autor de *A Lua vem da Ásia* (1956), *Vaca de Nariz Sutil* (1961), *A Chuva Imóvel* (1963) e que, depois de *O Púcaro Búlgaro* (1964), praticamente interrompeu sua

trajetória de romancista; e o paulista Raduan Nassar, autor do lendário *Lavoura Arcaica*, que há anos não publica.

Por que os escritores param de escrever? Hoje em dia fala-se muito no “writer’s block”, o bloqueio do escritor, uma misteriosa inibição do processo criativo, este igualmente misterioso, e que não depende, como pensavam os gregos antigos, da benevolência das Musas ou de qualquer outro fator externo. Basicamente, e para usar uma explicação freudiana, trata-se de um processo de comunicação entre dois compartimentos da mente: o inconsciente, onde residem as fantasias, inclusive as literárias, e o consciente, onde elas são processadas em termos literários. Por razões desconhecidas, às vezes esta comunicação se interrompe; a angústia que resulta daí é enorme. Na juventude o poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772 – 1834) passou por um período assim: pensar em escrever resultava para ele em um “indefinido, indescritível terror” (“An indefinite, indescribable terror”), que combatia usando ópio, a droga da moda então. A propósito, não são poucos os escritores que recorrem ao álcool ou a drogas como forma de estimular a imaginação (nem tentem: não funciona).

O problema com Salinger era um pouco diferente. Talvez ele não tenha tido, ao menos nos primeiros tempos de sua reclusão, um bloqueio. Até os anos 70 continuou a escrever, e, segundo sua namorada de então, Joyce Maynard, terminou dois romances. Mas não queria publicá-los. Numa rara entrevista para *The New York Times*, disse que queria escrever apenas para si mesmo, para seu prazer pessoal. Na apresentação de *Frammy & Zooey*, comentou: “Tenho uma subversiva opinião segundo a qual a sensação do anonimato e da obscuridade representam algo valioso para o escritor”.

Alguém indagará: por que, então, não publicou sob pseudônimo? Pergunta agora ociosa. Mesmo porque, embora reduzida, a obra de J.D. Salinger nos maravilhará por muito tempo.